

À beira da transversalidade: representações de gênero (re)produzidas nas pesquisas sobre políticas públicas e transversalidades de gênero.

Autor: Carlos Eduardo Barzotto
dudubarzotto@hotmail.com

Financiamento CNPq

Orientadora: Sandra dos Santos Andrade
XXVIII Salão de Iniciação Científica - UFRGS

Esse trabalho é parte da pesquisa “**Políticas públicas de inclusão social e transversalidade de gênero: ênfases, tensões e desafios atuais**”, coordenada pela Prof^a Dr^a Dagmar E. Estermann Meyer. Problematisa a inserção do conceito de transversalidade de gênero nas políticas públicas brasileiras e nas publicações sobre o tema nos campos da saúde e da educação. Vigência: de 2014 à 2018.

Objetivos

- 1) Analisar representações de gênero em pesquisas sobre políticas públicas e transversalidade de gênero.
- 2) Refletir sobre o uso do conceito de gênero nos respectivos trabalhos.

Metodologia

- Leitura e análise de vinte e duas (22) publicações resultantes de uma revisão de literatura previamente efetuada pelo grupo de pesquisa, categorizando os excertos analisáveis em uma tabela de três colunas, quais sejam: 1) Representações de feminilidades explícitas; 2) Representações de masculinidades explícitas; 3) Representações mistas.
- Análise cultural das representações de masculinidades e feminilidades (re)produzidas nas publicações, a partir dos conceitos de representação e gênero.

Referencial Teórico

- Estudos de gênero e culturais pós-estruturalistas.
- Conceito de Representação conforme Stuart Hall (2006), Sandra Andrade (2002) e Tomas da Silva (2008).
- Conceito de gênero conforme Guacira Louro (2003) e Dagmar Meyer (2004).

Considerações finais

A análise permitiu inferir que as representações de gênero são, em primeiro lugar, objetos de disputa política. Nesse sentido, a articulação delas no texto das pesquisas procura sustentar uma linha argumentativa que legitima a aplicação de políticas públicas para certas feminilidades e/ou masculinidades em detrimento de outras. Criam-se, assim, na maioria das pesquisas, dois polos: um oprimido (feminilidades) e um opressor (masculinidades). Além disso, também foi possível considerar que há diferenças no tratamento dado as relações no interior das feminilidades e masculinidades no texto das pesquisas. Por exemplo, na arena política, há uma valorização da feminilidade trabalhadora em detrimento da feminilidade ligada ao trabalho doméstico, que aponta uma imperatividade da inserção das mulheres no mercado de trabalho. Cabe, então, perguntar por que algumas representações estão sendo valorizadas em detrimento de outras.

Análise

Na medida em que as produções científicas falam de gênero e políticas públicas, elas criam representações de feminilidades e masculinidades para as quais seria necessário destinar os esforços governamentais.

Quais são essas representações?

Quais deveriam ser alvo das políticas públicas?

- Feminilidades e masculinidades vulneráveis nos sistemas de saúde.
- Mulheres domésticas como oprimidas e a ideia de uma obrigatoriedade de ingressar no mercado de trabalho
- Feminilidade restrita ao privado.
- Mulher universal oprimida pelo homem universal.

Há alguma representação colocada como responsável pela desigualdade de gênero?

- Masculinidade enquanto opressora e dominante do público, mantendo feminilidades oprimidas no privado.
- Algumas autoras consideram que os gêneros são hierárquicos dentro de si mesmos, havendo desigualdades intra-gêneros.

- Por que as representações de masculinidade não são, em sua maioria, também atreladas às políticas públicas, e sim ao agente opressor?
- Estaria “gênero” sendo sinônimo de mulheres nessas pesquisas, ao se falar em “políticas de gênero”?
- Por que a inserção no mercado de trabalho é imperativa para as representações de feminilidades? Não é possível valorizar o trabalho doméstico?
- Em que lugares ficam os atravessamentos de raça/etnia e classe quando se universaliza o sujeito “mulheres” e/ou “homens”?

Referências

- ANDRADE, Sandra dos Santos. Uma Boa Forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- SILVA, Tomas Tadeu da. Currículo e Identidade Social: Territórios Contestados. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (org.). *Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos estudos culturais em educação*. 7ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. pp. 190-207.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed. – Petrópolis, Editora Vozes, 2003.
- MEYER, Dagmar E. E. *Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais*. Revista Brasileira de Enfermagem, nº 57(1), Brasília (DF), jan/fev, 2004. pp. 13-8.